



entrevista com
ADVOGADO e ENGENHEIRO

Entrevista com João Pedro da Silva e Alexandre Aden Alves Silva, Advogado e Engenheiro, músicos e luthiers. João nasceu em Corumbá-GO, dia 26 de junho de 1935. Alexandre nasceu em Goiânia-GO, dia 09 de março de 1962. Entrevista realizada na ADEN, oficina de luteria, em Taguatinga-DF, dia 08 de fevereiro de 2018. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Sara de Melo, Daniel Choma e Tati Costa.

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

[João toca na viola caipira e Alexandre no violão a música instrumental “Índio do charco”, composição de João Pedro da Silva.]

Domingos: Seu João, a gente quer saber um pouquinho da sua história. O senhor é natural de onde?

João: Eu sou de Corumbá, Goiás, mas morei um ano só lá. Meu pai mudou pra Goiânia, eu tinha um ano de idade. Aí lá me criei e meu pai sempre mexendo com serviço de madeira. Ele era artesão, fazia viola, rabeca, violino, essas coisas. E eu sempre carregando a serragem pra fora pra ele. E vendo que aí foi, durante essa transição junto com meu pai. Separei dele porque ele morreu, senão a gente estava até hoje junto.

Domingos: Ele faleceu onde?

João: Em Goiânia mesmo. Aí logo veio ele *[refere-se ao filho, Alexandre]*. Eu aprendi a fazer as violas com ele, porque isso está no sangue a luteria, a música. Às vezes a pessoa vê um baita violeiro tocando uma viola, amanhã ele vai lá na loja e compra uma viola pra tocar e não consegue, porque está no sangue, está na pessoa. E aí veio ele *[Alexandre]*.

Domingos: Mas o senhor tem essas lembranças de luteria e viola ainda na infância?

João: Na infância.

Domingos: E como foi a infância?

João: Primeira etapa foi trabalhando sempre, consertando algumas violas que os outros enchiam d'água e cachaça lá na roça, trazia pra gente consertar e a gente consertava. E daí por diante a gente foi, a vida é um ensino que a gente tem. E cada dia que amanhece é um dia que você começa a vida novamente, não é? Então a gente foi aprimorando a viola e hoje temos viola em Israel, na Alemanha, em museus de Berlim, Doris Dayck tem instrumento nosso com muitos outros grandes artistas. E os que não são grandes artistas, mas gostam da viola, tocam caseiramente, têm nosso instrumento também. E aí por diante ele *[Alexandre]* aprendeu, ficou melhor do que eu! *[Risos.]*

Domingos: O pai do senhor só fazia violas, tinha uma especialização?

João: Viola, rabeca, violinos, ele trabalhava só com isso naquela época.

Domingos: E o senhor começou a tocar viola também?

João: Meu pai era violeiro... Porque o instrumento, a viola, você nasce os dentes já querendo tocar. Eu tenho um bisneto, com seis anos ele já fazia show com ele *[Alexandre]* de viola. Então ele toca divinamente viola. Ele escuta você tocar uma música, pega a viola e toca a mesma coisa que você. Então está no sangue. E tem velhos aí de oitenta anos que ainda não aprenderam. Então é isso aí, uma coisa que está no nosso sangue: a madeira pra trabalhar, que é uma arte, e o instrumento musical.

Domingos: O que o senhor tocava quando começou a aprender viola?

João: No meu primeiro disco que gravei, ele [Alexandre] estava com seis anos de idade. Foi em 1966, em São Paulo, pela Fermata, da Mexicana - essa gravadora lançou uma filial no Brasil e convidou nós pra gravarmos. Era Dico e Deco na época. Gravamos uma música que foi muito sucesso, até foi prefixo do programa Ranchinho de Palha, aqui em Brasília e em Goiânia. É uma música muito boa, de nossa autoria mesmo. E assim a gente vai levando a vida, enquanto a morte está encolhida! [Risos.]

Domingos: E quando o senhor começou a aprender a tocar, ainda lá no Goiás, tinha circo?

João: Demais, era o que mandava na época, era o circo. Se um circo se instalasse numa cidade e não tivesse viola... Não tinha espetáculo. Não tivesse violeiro tocando... Então já anunciavam na rádio, naquelas rádios possantes lá de Goiânia. O pessoal não ia pelo espetáculo do circo, porque circo diz que é igual a japonês, viu um espetáculo, viu todos! E o violeiro era sofisticado, aqueles dramas. Eu fiz uma música chamada "Milagre do Divino", naquela época falava drama, não era teatro. Virou um teatro nacional, que uma dupla de São Paulo pegou e fez um teatro. Eles levavam no circo, Léo Canto e Robertinho, levavam banguê-banguê tal, aqueles tiros e coisa, e aí começava o espetáculo. Então tinham essas coisas nos circos... Circo sem viola não era circo.

Domingos: O senhor lembra das duplas que iam nesse circo aí?

João: Demais, Praião e Prainha, Silvério e Barrinha, Tônico e Tinoco, Vieira e Vieirinha, Zico e Zeca, Lio e Léo, Zé Carreiro e Carreirinho, começou Tião Carreiro e Pardinho. Era tudo em circo. Anunciava, por exemplo, Tião Carreiro e Pardinho, o circo lotava. Praião e Prainha, uma dupla que foi muito sucesso na época, primeiro que gravaram o "Canarinho prisioneiro", que o Chico Rei e Paraná regravou. Lá em Trindade tem a festa de Trindade, de romaria, na época era cem mil pessoas, hoje vão mais, a cidade cresceu e o povo vai. O circo esvaziava e eles entravam pra cantar. Esvaziava aquele espetáculo que eles cantavam só com música, cantava, esvaziava. E enchia o circo de novo, o dia todo cantando "Igrejinha da serra" e "Canarinho prisioneiro", as músicas de sucesso da época. Então era assim o violeiro da época. E hoje o que manda em mais de duzentos países é a música sertaneja nossa. Porque ela vem com raiz, com força, bem adubada, bem irrigada. Mas tinha uma época que os pais das moças não deixavam as moças namorar com violeiro de jeito nenhum, "isso é vagabundo". [Risos.] Tônico e Tinoco contava essa história, namorava escondido que o pai não aceitava, violeiro, músico. Nelson Gonçalves falou também um dia: moça não namorava com cantor porque o pai chamava de vagabundo. Era verdade. Mas hoje os pais das moças tratam "assim" os violeiros... [Risos.]

Domingos: E nessa época também o senhor lembra se tinha Folia de Reis?

João: Tinha, Folia de Reis, a gente ia muito em Folia de Reis, meu pai era folião de Reis. Mexia com Folia de Reis, Folia de São Sebastião, Divino, aquelas Folias da época, era muito

bom. Eu fui pra uma Folia num lugar chamado Sobradinho, perto de Goiás Velho, fiquei sete dias lá. Nem cachorro brigou, pra você ter ideia, quanto mais o pessoal que andava... Veio entrega da Folia lá numa fazenda, tinha umas quinhentas pessoas que foram da cidade vizinha, não saiu uma briguinha, não saiu nada. Era bom demais... A pessoa naquela época divertia sem droga, sem nada dessas coisas, então era muito bom.

Domingos: E a folia, ela saía recolhendo aquelas coisas da oferta? Como era a oferta nessa época?

João: É, isso, oferta. Era assim, tinha as ofertas da fazenda, eles falam assim hoje, o pouso, é lá em casa, ia todo mundo, aquela fartura danada...

Domingos: Eles davam o que pra Folia? As ofertas era o que pra Folia?

João: Ah, era alimentação.

Alexandre: Alimentação. Pouso. E eles punham, firmavam a bandeira, Festa do Divino, Folia de Reis, do Divino, eles firmavam bandeira. Aí eram três dias de festa. Naqueles três dias o dono da casa, o anfitrião, teria que custear todo mundo, todos os foliões que estavam vindo e o povo que acompanhava a Folia. As ofertas eram assim, eles davam às vezes até uma leitoa...

João: Vaca...

Alexandre: Uma vaca, pra depois matar ou leiloar pra oferta pra igreja. Essas festas ainda continuam, tem aqui, ainda tem...

João: Lá pra fora, lá pra Goiás...

Alexandre: Aqui mesmo ainda tem, tenho um amigo aqui que ele faz Folia todo ano. O Miro.

João: O André e Andrade, eles têm uma Folia lá em Goiás Velho que é tradicional, eles que são comandantes da Folia lá e é muito falada. É, televisão vai pra gravar, tudo, aquela festa tradicional como tem lá em Goiás Velho, a procissão de Fogaréu...

Alexandre: Eu fiz agora, mais ou menos uns dois meses, mais ou menos, nós fomos num encontro de Folia, eu fui cantar, eu fiz lá com o Jackson Antunes, nós cantamos juntos lá, foi muito bacana. Foi a entrega da Folia, aqui em Ceilândia, na Casa do Cantador, sabe? Muito bacana, muita gente. E o engraçado que eu pensava que não fosse ter assim muitos jovens e o que mais tinha, noventa por cento era molecada mesmo, de trinta anos pra baixo. E o pessoal lá curtindo até o final, muito bacana.

Domingos: O senhor faz toques de Folia?

João: *[Toca na viola caipira e canta verso de Folia de Reis Três Reis Magos, de domínio público:]*

*“Se vós tem que abrir a porta
eu peço que abra já,
companheiro está cansado
pedindo pra descansar.
Abra a porta e acende a luz
recebendo os três reis magos
e o menino Jesus”.*

João: Essa é a Folia.

Domingos: E a importância da viola dentro da Folia de Reis?

João: Ah é o carro chefe, a viola é o carro chefe...

Alexandre: Sem viola não tem Folia. Nem o cantador não precisa ter, mas tendo a viola já faz a Folia.

Domingos: E como que foi a vinda do senhor pra Brasília, que ano que foi?

João: A minha vinda foi pelo seguinte, um deputado me trouxe pra trabalhar com ele aqui.

Alexandre: Na verdade o senhor veio em 1958, a primeira vez que o senhor veio pra cá...

João: É. Em 58, na construção de Brasília, eu vim pra cá pra tentar alguma coisa, mas era muito ruim. Fora do comum, você olhava aquilo, aquelas gerais, cobertos de poeira. E frio e tudo, eu fiquei uma semana e fui embora pra Goiânia. Aí...

Alexandre: Depois voltou em setenta...

João: Em setenta nós viemos pra cá, eu fui trazido por um deputado pra trabalhar com ele, que ele tinha uma empresa e pediu pra mim tomar conta, ser gerente da empresa dele. Eu vim pra cá porque era uma marcenaria, carpintaria, serraria. Nós viemos, estou aqui até hoje. Diz que quem bebe água de Brasília não sai mais! *[Risos.]*

Daniel: E como era Brasília naquela época?

João: Ish, rapaz, é o que eu estou te falando, era ruim demais. Olhava, meu Deus do céu, que gerais é esse?

Alexandre: Só tinha homem, não tinha mulher *[Risos.]*

João: Não, só homem, não tinha mulher não, não existia isso não. E se tivesse não poderia ficar dentro do Distrito Federal, aqui não, era fora. Onde tinha a vida noturna, de mulher, chamava quilômetro sete...

Alexandre: No lado de Luziânia...

João: Aí no Valparaíso. Então não tinha, não existia mulher não, era perigoso trazer uma mulher pra cá.

Alexandre: Só era homem trabalhando...

João: Olhava pra um lado, homem; olhava pro outro lado, cueca; olha pro outro lado, cuecão... Não dá, sem mulher não dá! *[Risos.]*

Domingos: E o senhor lembra das pessoas que vieram trabalhar na construção?

João: Não, eu não trabalhei com construção. Eu não mexia não, eu fui gerente lá dessa Vale do Paraná, aí não deu certo. Eu saí e fiquei, estou por aqui até hoje. A família toda, netos, filhos, nasceram aqui, só ele *[Alexandre]* que é goiano. As outras, uma nasceu aqui, os netos, já veio doze bisnetos.

Domingos: Quantos filhos o senhor tem?

João: Quatro.

Alexandre: Três mulheres e eu.

João: Aí quando nasce o filho, a mãe fala assim: é a cara do pai... Do pai! *[Risos.]* Então, tenho quatro filhos. E sete netos e doze bisnetos. Vou fazer 83 anos agora em junho, dia 26 de junho. Como falei, eu sou de mil novecentos e Adão e Eva! E com a família toda unida, toda junta, e estamos aí até hoje trabalhando, lutando com a luteria. E aí montamos uma luteria, ele começou junto, carregando serragem também e hoje é quem eu considero o melhor luthier que nós temos aqui na região *[refere-se ao filho, Alexandre]*. Você tem que puxar a farinha pro seu prato, não é? Claro! A gente fala isso, é brincadeira, mas ele é um bom profissional. Falei: agora você vai cuidando *[da oficina de luteria]* que eu vou cuidar dos cachorros na fazenda! *[Risos.]*

Domingos: Mas depois que o senhor trabalhou na empresa teve um momento certo que o senhor assumiu a luteria mesmo, para trabalhar só com isso? Quando que foi?

João: Começamos...

Alexandre: Na década de setenta mesmo.

João: Setenta mesmo, eu fiquei sete meses trabalhando...

Alexandre: Eu era pequeno, mas eu me lembro.

João: Como já tinha residência fixa, falei: não vou voltar mais pra Goiânia, vou ficar por aqui mesmo. E estamos aí até hoje.

Domingos: E tinha bastante gente que tocava viola nessa época em Brasília?

João: Já começava *[a ter]*, mas nós fazíamos mais pra fora, pra Goiânia, São Paulo, Minas...

Alexandre: Na verdade, até hoje a nossa venda de instrumentos é *[em sua maior parte]* de fora de Brasília. Apesar de que hoje Brasília tem muito violeiro, tem muita encomenda, mas o forte mesmo é Minas Gerais, Goiás, São Paulo... A gente faz muito... Pessoal do Mato Grosso *[também]* encomenda muito instrumento da gente.

João: Roberto Corrêa foi fazer uma turnê lá na Europa e aí ele deixou... Lá eles não pedem pra deixar, eles compram. E ele tinha uma viola minha, *[então]* compraram a viola dele pra colocar no museu de Berlim.

Alexandre: Num museu de instrumentos.

João: Aí ele fez a minha biografia, de que eu construí a viola e tocava, você conhece o Roberto Corrêa?

Alexandre: E nós temos também na Bolívia...

João: Na Bolívia, está lá no museu de La Paz.

Alexandre: De La Paz, tem instrumento nosso lá também.

João: Na minha cidade todas as revistas já fizeram reportagem conosco: *Isto é, Veja, Brasil Cultural, Revista Sertaneja, jornal O globo, Folha de São Paulo* e muitas outras grandes revistas.

Alexandre: Meu pai gravou o primeiro disco dele em 1966 com meu tio. Aí depois quando ele veio pra Brasília é claro, a dupla acabou, porque ele continuou morando em Goiânia. E nós gravamos sete discos, eu mais ele. Na verdade, oito?

João: Oito.

Alexandre: E eu comecei gravando, a gravar mesmo pequeno, moleque mesmo, cantava molequinho. Porque lá em casa é muito engraçado... Porque nossa casa até hoje é cheia de violeiro. Além da gente fabricar instrumento a gente toca. Então esses músicos quando vêm a Brasília vão todos lá pra casa, como o Trio Parada Dura mesmo, esses dias eu estava com o Jackson Antunes como eu falei, que eu fiz aquele show com ele, dividimos o palco. Já fiz abertura para o Almir Sater, tenho uma amizade até.

João: Sérgio Reis, nós já fizemos muitos shows juntos. Trio Parada Dura... Zé Augusto...

Alexandre: O Zé Rico, quando era vivo, toda vez que vinha a Brasília tinha que falar com a gente. O Leonardo vira e mexe está aqui na oficina com a gente. Então lá em casa, lá na chácara onde meu pai mora, todo final de semana reúne a família e a viola come solta. Sábado e domingo é viola o dia todo, sabe? Todo mundo: minhas irmãs cantam - tem uma irmã que já gravou também. E a gente assim, é o que meu pai falou, nasce, nasceu o meu sobrinho que toca viola, canta, já gravou também. E depois o filho da minha sobrinha que é o Giovani, que nós estávamos falando, ele toca com a gente...

João: Toca todos os instrumentos, contrabaixo.

Alexandre: Toca viola, ele toca violão, baixo, viola caipira...

João: Com quinze anos agora.

Domingos: Esse primeiro disco que o senhor gravou... Vocês podem cantar alguma música do primeiro disco?

Alexandre: Canta sim. Vamos lá?

João: Vamos...

[João na viola caipira e Alexandre no violão, tocam e cantam a música "Ranchinho de palha", composição de João Pedro da Silva:]

*No meu ranchinho de palha feito perto da cascata
À noite eu sento na porta e distante eu vejo a mata
Ouço o canto da araponga que no meu peito retrata
Saudade de quem amei, lembrança daquela ingrata.*

*Jamais pode ser alegre quem teve amor e perdeu
Ninguém neste mundo sofre amarguras como eu
Meu peito está machucado com o golpe que recebeu
Meu coração está ferido com o desprezo que sofreu.*

*Eu nunca pensei na vida passar o que estou passando
Vivo triste aqui na mata igual um sabiá cantando
Distante da minha amada por ela sempre chamando
E cada dia que passa mais aumenta o desengano.*

*Não posso ficar alegre que a saudade logo vem
Este verso é a despedida a todos que me quer bem
Vou embora pra bem longe onde eu não vejo ninguém
Vou cumprir a triste sorte de quem teve hoje não tem.*

Alexandre: Foi gravada em 1966! Muitos anos! *[Risos.]*

João: A gente tinha um programa na Bandeirantes de São Paulo, das cinco da manhã às seis da manhã, com o Capitão Furtado, que era um produtor de música e grande. E a gente foi convidado pra concorrer a um concurso de violeiros: Violeiros natos, aquela época. Quem não era profissional ainda, só cantava amador, que não tinha gravação. Aí nós fomos pra Batatais, São Paulo, que era o último dia do show. Então a primeira dupla, eu me lembro que era Charanga e Cafezá, que ganhou o primeiro lugar. E Dico e Deco o segundo lugar, que era

nós. E mais outras duplas. Aí tinham o direito de gravar um disco. Foi aonde nós gravamos o disco. A gravadora que chamou, que promoveu esse...

Alexandre: Concurso...

João: Esse torneio de viola. Foi aí que aconteceu de nós gravarmos o disco. E o disco tocou, deu bom. Aí quando a gente estava pra gravar o outro disco eu vim embora pra Brasília, e aí nós gravamos na Continental, os discos, sete LPs e mais dois CDs.

Domingos: Como era gravar nessa época, lá, LP?

João: LP, era LP.

Domingos: Como é que foi, como que era?

João: Chamava vinil, disco bolachão, era bonito, um disquinho bonito e até hoje é mais bonito que o CD.

Alexandre: O vinil ele é um negócio bem romântico, você ouvir tocar ali, é bem diferente o som.

João: Tem um romantismo.

Alexandre: Eu comecei a ver a música caipira, a música sertaneja, já na barriga da minha mãe. Vamos dizer assim... Pra não dizer que estava no saco do velho, na barriga da minha mãe! *[Risos.]* Então eu cresci ouvindo, mas eu comecei a estudar música clássica, música erudita. Aí eu comecei a estudar com o Salem, um professor de música erudita. E fui fazer faculdade de música clássica, estudei com o Marco Pereira, mas sempre ligado na música sertaneja, na música caipira. Então lá em casa é bem eclético, a gente curte todo tipo de música, sou muito fã da música popular brasileira, eu adoro!

João: Não tem música ruim...

Alexandre: Pra mim não existe gênero musical, existe a música boa e a música ruim. A música, se ela for boa não importa, não importa o gênero musical, se ela for boa você vai gostar, se ela for ruim você não vai querer ouvir. Então, pra mim, não tem gênero musical, pra mim [existe a música] boa e a ruim.

Domingos: E do primeiro disco que vocês gravaram, tem alguma aí que dá pra mostrar pra gente?

Alexandre: Toca a polca que o senhor gravou no disco novo agora?

João: Aquela aqui?

Alexandre: É.

João: A "Índio do charco"?

Alexandre: “Índio do charco”, é, essa música é dele e boa.

[João na viola caipira e Alexandre no violão, tocam a música instrumental “Índio do charco”, composição de João Pedro da Silva.]

Domingos: Quando o senhor vai compor, o que serve de inspiração para o senhor?

João: Bom. Eu, pra falar a verdade é o seguinte, vem a intuição, como diz o mineiro, e a gente pega a viola e começa a tocar. Mas aconteceu um fato, o seguinte, uma música que eu até gravei. Quando eu fiquei viúvo, a mãe dele morreu, fez vinte anos agora, dia primeiro de fevereiro que ela morreu. Era novinha, 57 pra 58 [anos]. Aí eu fui morar num apartamento que eu tinha, deixei a casa para os meninos, que era uma casa grande, eu não quis ficar lá mais porque eu a via o dia inteiro... Casados quarenta anos... Eu casei novo, novinho, menino, dezessete pra dezoito anos... E eu perdi o sono de noite, quando eu mudei para o apartamento pequeno, liguei a televisão, estava passando na televisão, na Globo, a pororoca lá no Norte, na Amazônia. Aí eu peguei a viola pra fazer uma música pra pororoca e fiz a música, chama “Pororoca”. E tem uma outra que eu fiz em homenagem a ela, ia ter o nome dela, o Marcos Mesquita gravou como “Dança goiana”. Muitas outras músicas eu faço assim pensando. “Dança do índio”, por exemplo, também foi tirada da televisão, que eu vi as danças do índio, aí eu fiz a música que chama “Dança do índio”. É assim, quer ver?

[João toca na viola caipira a música instrumental “Dança do índio”, composição de João Pedro da Silva.]

João: Chama “Dança do índio”, pois os índios dançam batendo o pé assim *[demonstra a batida com os pés]* Então eu estava vendo os índios dançar, achei engraçado, aquilo, achei bom, comecei, vou fazer a música “Dança do índio”. E tem uma que eu fiz que é a “Pororoca”

[João na viola caipira e Alexandre no violão, tocam a música instrumental “Pororoca”, composição de João Pedro da Silva.]

João: Assim vai, eu tenho umas oitenta músicas! *[Risos.]* Eu compunha muita música, letra, fazia letra, às vezes as pessoas musicavam, tocavam. Uma música que eu fiz, é uma moda de viola, eu era namorado de uma moça lá de Trindade e fui na festa de Trindade e nós começou a andar lá, aquela festa grande que é festa de romaria, que é conhecida até fora do país. E então eu entrei lá no quarto, que chama sala dos milagres e tinha uma corrente muito grossa, com um cadeadão daqueles antigos, chavona desse tamanho, lá dependurado. Aí que [veio] esta história que o cara foi preso sem dever o crime, por suspeita. Porque qualquer um de nós pode ser preso por suspeita, como o João Henrique, o policial abordou ele, mandou ele, você vai tirar o bigode pra mim porque você não estava de bigode quando você cometeu o crime. E na realidade não era nada. Então quando o rapaz que é parecido com o assassino, que matou uma moça lá, foi preso no interior lá, numa fazenda e trouxeram pra cidade, então ele diz o seguinte: eu quero passar na igreja pra eu fazer minha

oração antes de ser recolhido e tal. Passou lá, ele pediu, aquela fé pura. E a corrente caiu no chão. Quando viram o milagre, o policial falou: é uma coisa impossível uma corrente dessa soltar. Trancaram de novo, a corrente caiu. Então é o “Milagre do Divino” chama a moda. Eu não dou conta de cantar hoje que eu estou muito resfriado, tossi demais essa noite.

Alexandre: Zé Mulato gravou essa música.

[João na viola caipira e Alexandre no violão, tocam e cantam a música “Milagre do Divino”, composição de Dico e Zé Mulato:]

*Vou contar o que aconteceu há muitos anos atrás
Na região de Trindade no Estado de Goiás
Pode crer que é verdade publicaram nos jornais
um homem devia um crime suspeitaram outro rapaz. [Param de tocar.]*

João: É melhor, faz o seguinte, corta... *[Na continuação:]* Eu vou falar:

*Vou contar o que aconteceu há muitos anos atrás
Na região de Trindade no Estado de Goiás
Pode crer que é verdade publicaram nos jornais
Um outro devia o crime, suspeitaram um bom rapaz.
Por ele se parecer com o assassino malvado
Logo pela polícia o moço foi encontrado
E com uma forte corrente ele foi algemado
Com as duas mãos para trás e trancaram com um cadeado.
Quando entraram na cidade o rapaz fez um pedido:
Quero ir até a igreja do nosso pai querido.
É o divino pai eterno que muito tem me valido
Pra fazer minha oração antes de ser recolhido.
Levaram ele aos pés do altar pra fazer sua oração
E pediu com muita fé abertura do coração
A corrente e o cadeado soltou e caiu ao chão
Quando viram o milagre ficaram remorseados
Muitos anos de prisão que ele ia ser condenado
Por não dever esse crime o moço foi libertado
Ainda existe na igreja a corrente e o cadeado.*

João: Por aí.

Domingos: Seu João, essa vegetação aqui do cerrado, planalto central, serve de inspiração pro senhor também?

João: A inspiração do Goiás é boa. Nós temos muitos compositores bons que nasceram no Goiás, aqui no interior de Goiás, muitos cantores de nome. Aliás, a música sertaneja apareceu muito na mídia pelos goianos, não é? Cristian e Ralf...

Alexandre: O Zezé de Camargo e Luciano...

João: O Zezé de Camargo e Luciano...

Alexandre: Leandro e Leonardo...

João: Leandro e Leonardo. E por aí vem muitos artistas. Aquele primo seu...

Alexandre: Odair José.

João: Odair José, que é goiano também, é primo dele. E vem esses artistas, Lindomar Castilho... E surgiram os artistas goianos dando nome para o Goiás. São Paulo, Minas, Goiás, são o berço da música caipira. Agora o Mato Grosso está muito [forte] também, aparecendo na mídia, muito músico bom, como aqueles meninos lá, o Mayc e Lyan, bom demais.

Alexandre: Bom violeiro.

Domingos: E a pessoa pra ser um bom violeiro assim, o que ela precisa fazer?

Alexandre: Tocar, estudar.

João: Aí tem as histórias... Camarada falou pro cara assim: se você quiser ser um bom violeiro você tem que ir no cemitério à meia-noite, enfiar a mão dentro da grade do portão, assim, aqueles portãozão de madeira, falar pro violeiro que estiver morto ali pegar na sua mão e falar que a partir dali você vai ser um grande violeiro. Aí ele foi e o cara ficou lá dentro do cemitério... Quando ele chegou, pegou a mão dele e pá, foi apertando... “Solta minha mão, não quero ser violeiro mais não”. “Vou te puxar pra dentro”. “Não quero ser violeiro mais não!” *[Risos.]*

Alexandre: Mas é engraçado, claro que você tem que de certa forma ter um dom, gostar primeiro do instrumento. Mas você tem que estudar, malhar. Acho que em nossa vida tudo é condicionamento, tudo o que você for fazer, por mais simples que seja. Pra você fazer uma boa comida, tem que praticar, se não praticar não vai conseguir fazer. É como um bom fotógrafo, um bom câmera, ele tem que treinar, aprender como é que põe a iluminação, luz, tudo...

João: Jogador de futebol, se não treinar não joga.

Domingos: E a importância dos mestres violeiros, pra influenciar outras pessoas?

Alexandre: Fundamental.

Domingos: Os mestres violeiros?

João: Ah, fundamental. Quando tem um violeiro bom tocando você fica...

Alexandre: Eu conheço muita gente que toca viola que não estudou, não foi pra escola, é autodidata. E tocam maravilhosamente bem. Eu conheço vários. Então eu conheci um

senhor que ele nunca ninguém ensinou, ele aprendeu sozinho. Ele ficava ouvindo nos discos, ouvindo o rádio pra poder aprender a afinar. Aprendeu a afinar aí começou a tocar. E toca que você fica bobo de ver, que coisa de louco. Mas é o que eu falei...

João: É o caso do Giovani...

Alexandre: Ele toca porque ele falou, vou estudar esse instrumento aqui, vou aprender. Ele não nasceu sabendo tocar aquilo ali, foi a força de vontade dele.

João: Ronaldinho Gaúcho um dia falou na televisão o seguinte: eu sou bom batedor de pênalti. Por que eu sou? Porque eu vou pro campo sozinho, aí eu bato cá na bola, ela vai pra cá. Ah, não é por aí, é por aqui, batendo até ficar o melhor que tinha. Ele ia sozinho bater pênalti lá no campo de futebol pra aprender. Então é a persistência naquilo que você faz. A goteira bate, tanto bate até que fura o chão, não é? É um pingo d'água batendo, e fura. Então é isso, é bater no martelo todo dia, você pegar a viola, daqui a pouco você está tocando...

Alexandre: É igual, não sei se você conhece o Claudivan, o Claudivan, nossa senhora, é um músico fora do comum.

João: Marcus Biancardini, a primeira viola dele fui eu que fiz, não tocava nada e nunca estudou música não. Hoje é um dos maiores violeiros do Brasil, representa lá fora, Estados Unidos, ele estava nos Estados Unidos esses dias tocando viola.

Domingos: Seu João, na viola tem vários ritmos... Como que é, o senhor podia mostrar um pouquinho?

João: Tem ritmo. O ritmo pode ser adaptado de qualquer instrumento, é claro. Na verdade, quando a viola começou a aparecer no Brasil ela foi trazida pelos eruditos, que a viola naquela época tocava só pra elite. As missas, as catedrais e etc. Quando tinha uma reunião de grandes personalidades, a viola, os portugueses e os brasileiros que tocavam erudito iam tocar. Então a viola foi adaptada pra tocar música sertaneja, caipira. E quem adaptou foi o Raul Torres e Florêncio, Tonico e Tinoco, esse pessoal mais antigo, Alvarenga e Ranchinho...

Alexandre: É, o Carreirinho...

João: Carreirinho, esse pessoal, Zé Carreiro, esse povo que adaptou a viola na música sertaneja. E depois ela foi entrando no meio, grandes bandas, grandes orquestras de viola e tal. Mas ela aceita qualquer tipo.

Alexandre: Toca... Tenho uns amigos que têm banda de rock, eles tocam viola na banda.

João: Chorinho, por exemplo, eu toco um choro...

Alexandre: Um choro dele.

[João na viola caipira e Alexandre no violão, tocam a música instrumental “Choro da mulata”, composição de João Pedro da Silva.]

João: É, eu tenho uns quinze chorinhos tocados na viola, que eu vou compondo.

João: “Marcha dos marinheiros” por exemplo, foi criado no violão por Dilermando Reis, mas eu toco na viola como se fosse... Só um pedaço pra eles verem.

[João na viola caipira e Alexandre no violão, tocam a música instrumental “Marcha dos marinheiros”, composição de Dilermando Reis.]

João: Vai daí pra diante. Então, a viola é pra tocar todo tipo de música. Catira, toada, cururu...

Alexandre: Moda de viola...

João: Moda de viola, pagode, cateretê, chalana, as músicas assim, guarânia... *[Toca instrumental.]* Ritmo mexicano.

Domingos: O senhor poderia mostrar pra gente como o senhor faz, por exemplo, a catira, o cururu, o cateretê?

João: Catira é assim, vamos lá: *[toca na viola.]* Moda de viola: *[toca na viola.]* Cururu: *[toca na viola.]* Cateretê: *[toca na viola.]* Agora vem o pagode: *[toca na viola.]* A toada: *[toca na viola.]* Tem muita música que é toada, a Cabocla Teresa, Chico Mineiro, é toada. Aí vem o chorinho que já mostramos.

Alexandre: Rancheira.

João: Rancheira: *[toca na viola.]* Essa é uma rancheira. A valsa, a valsa é diferente um pouquinho: *[toca na viola.]* Guarânia: *[toca na viola.]* O rasqueado, rasqueado legítimo do Paraguai: *[toca na viola.]* Esse é o paraguaio, o rasqueado nosso é tipo *[toca na viola.]* Tem diferença. Aí vem outros, maxixes... É uma diversidade rítmica grande que a gente toca.

Domingos: Como é polca?

João: Polca? *[Toca na viola.]* Ó o violão fazendo a polca lá, filma lá *[indicando Alexandre no violão]*. Isso é a polca paraguaia. Tem mais uns ritmos, tango a gente toca na viola, bolero, toca tudo. Daí vai, por diante...

Domingos: Seu João, o que é a memória?

João: A memória, da cabeça? É, pra ter uma boa memória tem que dormir bem, não beber, não fumar e alimentar, então. Fazer exercício físico, são as coisas...

Domingos: Alexandre, nessas histórias de vida que você está ao lado do seu pai, o que você aprendeu com ele?

Alexandre: Ah rapaz, a gente aprende muita coisa. A gostar, primeiro, das coisas que são nossas. Não você ser bairrista, mas você dar valor, não ter vergonha de falar as suas origens e do que você gosta na verdade, realmente, o que você curte. É engraçado, quando eu era moleque tinha meio um preconceito de música sertaneja.

João: Igual gaúcho: quando eu era guri, tchê!

Alexandre: E na escola às vezes eu era... Sempre toquei violão, comecei a tocar violão muito cedo, às vezes eu levava violão e ia tocar música caipira. O pessoal: qual o tipo de música que você gosta? Eu gosto de música caipira. O pessoal, mas que música caipira, o que é isso? Eu cantava Chico Mineiro, cantava aqueles “trem” e aquele pessoal, “pseudos” preconceituosos, acabava juntando lá uma turminha e cantavam comigo, sabe? Na faculdade eu fazia a mesma coisa. Então isso é uma coisa bacana. Ser sempre honesto, o que é seu é seu, o que é dos outros é dos outros. Não ter inveja, porque nós já estamos há muitos anos na estrada, não somos assim, vamos dizer, nenhuma personalidade nacional. Mas nós somos conhecidos bastante no nosso país. Até fora até. Mas nunca chegamos a fazer um sucesso assim... Não tenho inveja daqueles que começaram junto com a gente e fizeram muito sucesso, isso pra mim é até um privilégio. Amigos meus, como Leonardo, Zezé, tinha uma convivência muito [grande] com eles, e eles estouraram. Sorte... É o talento deles, tudo...

João: O trabalho...

Alexandre: O trabalho... Igual você falou, memória pra mim é o que fica, o que você pega de bom e esquecer o que foi ruim na tua vida. O que passou. E vamos tocar viola pra ser feliz! *[Risos.]* Aqui está a cria e os criadores! *[Referindo-se à viola.]*

João: Agora, a única fortuna que nós temos, a única coisa que a gente tem é os grandes amigos que nós temos. Esses são a nossa riqueza. Porque todo mundo que frequenta aqui ou frequenta a minha casa ou vai nos shows que a gente faz é porque é um patrimônio nosso.

Alexandre: São amigos nossos...

João: E Deus diz lá o seguinte: do que viverás o homem, senhor? Uma pergunta que foi feita. Ele respondeu: do suor do seu rosto. Então nós somos aqueles que tem que viver com o nosso suor.

Alexandre: Uma coisa que eu gosto muito assim, eu admiro, todo trabalho que todo mundo faz, tudo que uma pessoa faz, que mostrou, eu acho bacana, eu curto...

João: A vida é coisa mais linda do mundo.

Alexandre: Eu falo: pô, o cara teve coragem de fazer alguma coisa, não ficou inerte, não ficou aquela criatura ali, querendo fazer, fazer, fazer e nunca fez...

João: Tem os fracassos na vida, como Thomas Jefferson, que fracassou várias vezes, mas conseguiu fazer essa lâmpada que nós temos hoje, que é uma das coisas úteis que nós temos. Então o fracasso não é derrota, você fracassar hoje, amanhã você está novamente com a cabeça erguida. Então isso é muito bom na vida da gente, os amigos, crer que existe um senhor sobre nós. Isso é muito importante.

Domingos: Você se sente pertencente a Brasília?

João: É, Brasília na verdade é nossa, de todos. Bom, eu vejo muito no trânsito uma coisa muito ruim, o cara passa por você, se você estiver devagar ele te xinga. Se aquele barco afundar ele também vai morrer afogado, então é isso. Ninguém tem muita paciência, todo mundo arrumou aquele apelido que se chama *stress*, arrumou outro apelido que se chama *correria*. E como dizia o Jeca Tatu, pra plantar um campo de milho, Maria, se o ano correr bem nós pega um serviço... Então é isso, você não ter pressa nem de morrer.

Alexandre: Pra você ver como é a poesia simples... E ela tem muito a nos ensinar e a falar pra gente, com as palavras simples, olha que coisa mais linda.

[Alexandre toca no violão, tocam e cantam a música "Raízes", composição de Renato Teixeira:]

*Galo cantou, madrugada na campina
Manhã menina está na flor do meu jardim
Hoje é domingo, me desculpe, estou sem pressa
Nem preciso de conversa não há nada pra se ouvir
Passar o dia ouvindo o som de uma viola
Eu quero que o mundo agora se mostre pros bem-te-vis
Mando daqui das bandas do rural, lembrança
Vibrações da nova aurora pra você que não está aqui.*

*Amanhecer é uma lição do universo
Que nos ensina que é preciso renascer
O novo amanhece. O novo amanhece*

*Já tem rolinha lá no terreiro varrido
O orvalho brilha como pérolas ao sol
Tem uma nuvem que caminha pra montanha
Se enfiando feito alma no meio do matagal
E quanto mais a luz vai invadindo a terra
O que a noite não revela o dia mostra pra mim
A rádio agora está tocando Rancho Fundo
Somos só nós e o mundo e tudo começa aqui.*

*Amanhecer é uma lição do universo
Que nos ensina que é preciso renascer
O novo amanhece. O novo amanhece.*

Alexandre: Lindo, não é? Uma poesia simples e falou tudo.

Daniel: E pra você, o que é ser caipira?

João: O sinônimo vem de caipora, não é? Lá no mato.

Alexandre: [Cantarola]: “Sou caipira, pira, pora, nossa...”

João: Caipira é uma....

Alexandre: Caipira é pessoa simples, é aquela pessoa simples que tem uma cultura bem especial, bem diferente, que o pessoal às vezes confunde. Um indivíduo que tem um curso superior, falar que é culto e às vezes ele é bem sem educação....

João: É verdade, o Patativa era um caipira, um dos maiores poetas...

Alexandre: E o indivíduo que às vezes não tem nem nunca teve um estudo, é um cara bem culto, sabe de muitas coisas, tem muitos conhecimentos. Esse é o caipira, é o cara simples.

João: Cara simples, o cara que cozinha no fogão lá, simples, se tem um arroz com mandioca ele come, está satisfeito. Não tem preconceito com ninguém e quando ele vê uma pessoa diferente ele trata muito bem, porque ele tem aquela educação de humildade. Como diz Zé Mulato: o dom que Deus me deu é a educação.

Alexandre: A gente pode até salientar bem o Zé Mulato... O Zé Mulato é um camarada que é uma personalidade muito importante pra gente na cultura da música sertaneja, da música caipira. O Zé Mulato, ele compõe, ele fala de um tema, olha, o que eu acho impressionante, igual o meu pai salientou o Chico Xavier... O indivíduo falar de um tema só e não repetir, sabe? Assim, ficar naquela mesmice, de ficar repetindo. Não, o Zé Mulato só escreve músicas falando sobre a natureza, sobre o sertão, sobre a terra, sobre as coisas do interior. O Zé tem mais de quinhentas músicas e [quando] você vai ouvir, cada música o tema é o mesmo, mas é diferente, a letra, a melodia é tudo diferente. Eu acho isso aí uma coisa espetacular, fora do comum.

[João na viola caipira e Alexandre no violão, tocam a música instrumental “Dança Goiana”, composição de João Pedro da Silva.]

João: Esse chorinho que eu toquei antes aqui, eu fiz esse choro... É o seguinte, nós tínhamos uma União dos Artistas Sertanejos do Goiás, aí precisava de uma música pra abrir as reuniões dos artistas. Então, quem vai fazer a música? Aí todo mundo fez uma, eu fiz essa, aquele chorinho *[toca trecho.]* Adivinha quem que passou? Foi eu com a música. Aí ficou,

gravou, naquele tempo gravava uns acetatos. Na hora de começar tocava a música, o presidente começava a falar.

Alexandre: Eu sempre gostei da música e sempre lá em casa era cheio de violeiros. Até hoje, como dizem. E sempre pessoal mais velho. Então eu acostumei a ter amizade com pessoas mais velhas do que eu e assim, sempre quando a gente vai tocar, a gente vai pra esses interiores, essas coisas que acontecem assim. Sempre procuro aquelas pessoas mais velhas, eu vejo aqueles senhores, ali vai ter umas prosas boas, a gente aprende muita coisa!

João: Vou mostrar um chorinho, chama Relembrando... Quem batizou esse chorinho foi ele.

Alexandre: É, “Choro do seu João”.

[João na viola caipira e Alexandre no violão, tocam a música instrumental “Relembrando”, composição de João Pedro da Silva.]

João: Chama...

Alexandre: “Choro do seu João”.

João: Não, Chorinho do seu João é outro, esse ele botou o nome de... Relembrando.

Alexandre: Relembrando. Meu pai é bom sabe por quê? Ele faz as músicas dele e não põe nome, aí um amigo chega: acho que esse aqui combina e nem ele sabe!

Domingos: O senhor acha que daqui pra frente as pessoas vão tocar cada vez mais viola?

João: Vai...

Alexandre: Sem dúvida...

João: A meninada eu vejo na internet, lá em casa, o tanto de meninos que está, menina aí tocando viola e grandes. Lá tem uma na Amazônia, em Manaus tem uma professora de luteria, ela faz muita viola e a rapaziada lá da região está tocando viola pra danar...

Alexandre: Vai crescer mais e mais.

João: Nossa, mas é muito!

Alexandre: Eu me lembro uma coisa que a minha mãe uma vez me disse, eu ainda era assim moleque, mas não esqueço, ela falou que o meu pai, quando eram jovens, falava pra ela assim: um dia você vai ver esse instrumento aqui ser reconhecido no Brasil todo. Mostrando a viola, ele falava, a viola vai ser reconhecida no Brasil todo, ninguém vai ter vergonha da viola. E olha hoje o que a viola... E olha, falo pra você, a viola está no início...

João: É...

Alexandre: E você vai ver, meu amigo, daqui mais alguns anos você vai ver...

João: Porque ela veio com raiz...

Alexandre: É. Veio com alicerce, não é lá igual ao alicerce do viaduto que caiu, é alicerce mesmo. Então eu me lembro, às vezes quando eu vejo assim, a molecadinha pegando viola, tocando, eu falo: caramba, olha... E minha mãe falava isso eu tinha o quê? Quatorze anos, treze anos de idade. E realmente foi uma profecia que ele fez, vamos dizer assim que está se concretizando. E a viola está uma coisa encantadora. É engraçado, o som dela, eu não sei, encanta a gente, você ouve... Tem uma afinação que eu gosto muito que é a Rio-abaixo.

Domingos: Seu João, qual é a diferença do instrumento, de uma viola artesanal pra uma viola de fábrica?

João: Não, tem viola de fábrica muito boa, tem. Porque a fábrica, que fabrica em série, eles não têm, não é um luthier que faz, são vários. Tem o fazedor do braço, tem o que faz isso, faz outro, aí é como se fosse uma linha de montagem, de carro por exemplo...

Alexandre: É, a fábrica, a fábrica tem indivíduo lá, por exemplo, que só faz essas laterais. Então ele faz lá mil, duas mil laterais...

João: É. Vários fazendo aquilo...

Alexandre: Aí outros fazem fundo, outro faz a frente, outro já faz o braço. E vai montando, aí tem um cara que vai montando.

João: Mas tem a viola, a Rozini mesmo faz viola fora de série.

Alexandre: A gente não, a gente aqui é do início ao fim, começa tudo, faz tudo.

João: A Gianini, por exemplo, são violas boas. Agora, a viola de luthier é mais cara porque é feita à mão. Para o músico. Que se não for músico ele não vai, você construir uma boa viola, porque ele não sabe o som. Você tem que pegar o tampo e tocar nele... Pra ficar bom. Até achar o timbre.

Domingos: O senhor prefere fazer ou tocar a viola?

João: Ah, eu gosto dos dois, gosto de fazer e tocar. Está no sangue. No dia em que eu nasci, em vez de me dar banho, me deram uma injeção de viola em mim, sabe?

Alexandre: Minha mãe fala que quando eu nasci, não chorei... Eu cantarolei.

Tati: E essa que o senhor falou, a requinta, toeira, era os nomes que se davam?

João: É o nome das cordas.

Alexandre: Até hoje ainda se dá esse nome.

João: Era prima, requinta, toeira...

Alexandre: Contra-toeira...

João: Contra-toeira, bordão.

Domingos: Qual é qual? Pode mostrar?

João: É a prima, a prima é chamada essa aqui [dedilha a corda], toeira [dedilha a corda], requinta [dedilha a corda], contra-toeira [dedilha a corda] e bordão. Então tem a afinação Rio-abaixo também que é uma afinação em sol.

Alexandre: Tem várias afinações.

João: Tem muitas.

Alexandre: Na viola, se você quiser, você consegue fazer quarenta e sete afinações.
